



A Igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo: uma arqueologia do monumento

Gonçalo Lopes

1. Enquadramento histórico

Bastante diferente era a imagem que se podia ter, há 300 anos, do espaço ocupado hoje pelas ruínas do Paço dos Alcaides e pela Igreja de S. João Baptista.

Localizada na extremidade oriental no triângulo definido pelas muralhas da vila medieval, esta área constituía até aos finais do séc. XVIII uma das quatro paróquias urbanas de Montemor-o-Novo.

O aro urbano desta freguesia, de diminuta extensão, era limitado a Sul pelo castelo, residência habitual dos alcaides e a Oeste pela freguesia de St.^a Maria dos Açougues. A Norte e Este não são claras as suas fronteiras: a Norte confrontava, possivelmente, com a paróquia de Santiago, sua contemporânea de fundação, ou pela mesma St.^a Maria dos Açougues; a Este, sem que a documentação o desminta, o limite estendia-se até à cerca.

O castelo era o edifício mais portentoso da freguesia, tendo sido substancialmente melhorado nos sécs. XV e XVII. Daqui partia, provavelmente, uma rua, a rua do Castelo, com destino à praça principal, no coração da paróquia de St.^a Maria dos Açougues. Paralela a esta ficava a rua de S. João cujo casario extremava a Este com a cerca, sendo estes os seus dois únicos eixos viários¹.

Em 1534, S. João Baptista contava com 16 fregueses² e em 1758 já só tinha 2 residentes que habitavam o arruinado Paço dos Alcaides, pertencente aos duques de Aveiro³. Este decréscimo populacional aliado à impossibilidade da expansão extramuros, resultaram na rápida obliteração do traçado urbano da freguesia, da qual só resta a respectiva igreja paroquial e a alcáçova arruinada.

Não é muito clara a data de fundação desta igreja, no entanto, sabe-se que já existia plenamente instituída em 1302⁴, pelo que não será arriscado apontar uma cronologia de finais do séc. XIII. Datação comum, aliás, às igrejas de Santiago e S. Julião (esta última de localização desconhecida), todas elas citadas no documento de 1302. Ainda a propósito da fundação da igreja de S. João Baptista, convém referir a de outra igreja, S. Pedro da Ribeira, aparentemente sem uma relação directa. Este templo, a Sul e a curta distância da vila medieval, está localizado a poucos metros da ponte por onde passa, ainda hoje, o caminho para Alcácer do Sal. É referido numa composição entre Afonso III e o bispo de Évora, datada de 1271⁵.

Assim, havendo um edifício religioso fundado extramuros na segunda metade do séc. XIII, é natural que a rede paroquial montemorense já estivesse definitivamente constituída nesta data e dela, a igreja de S. João Baptista.

Em 1380, esta igreja ascende à categoria de mestre-escolado, sendo o seu primeiro mestre-escola Afonso Anes, também mestre da Sé de Évora⁶.

Estas escassas informações são concordantes com a quase inexistência de documentação sobre a freguesia, nomeadamente medieval. Só voltamos a ter referências pelas actas da Visitação de 1534, atrás aludidas. Os dados deste documento são muito rarefeitos e respeitam essencialmente ao mobiliário litúrgico, rendas e legados pios, sumariamente descritos.

As rendas ascendiam a 80000 reis não sendo, portanto, muito avultadas se comparadas com as da Matriz que só do arcediagado da sexta, obtinha 120000 reis. No entanto, eram superiores às da igreja de Santiago não obstante o número de fregueses ser inferior em 80% em relação a esta última⁷.

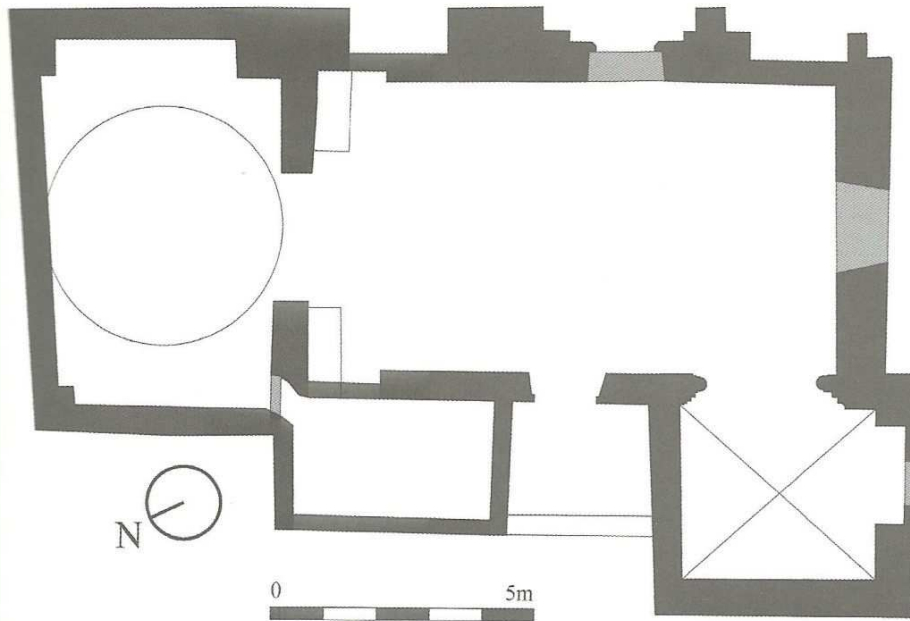
Nesta mesma data, S. João Baptista é uma comenda do priorado do bispo de Targa transitando mais tarde, em 1561, para a mesa do Colégio do Espírito Santo⁸ de Évora, o qual usufruía das suas rendas e nomeava o pároco, dito ecónomo.

Em 1759, com a dissolução da universidade jesuítica de Évora, as rendas passam a ser administradas pelo Colégio dos Nobres de Lisboa o qual fica responsável pela nomeação de um capelão e de um sacristão para officiar determinadas festas litúrgicas⁹.

A paróquia de S. João Baptista será extinta nos finais do séc. XVIII e anexada na primeira metade do séc. XIX a N.ª Sr.ª do Bispo, Matriz de Montemor-o-Novo¹⁰.

2. Descrição estrutural

A Igreja de S. João Baptista, de vaga orientação Noroeste – Sudeste, é constituída por quatro corpos distintos, três dos quais comuns à maioria dos templos cristãos: nave, capela-mor, sacristia e capela privativa, neste caso conhecida por N.^a Sr.^a do Rosário.



Planta da Igreja de S. João Baptista.

2.1. Nave

O corpo mais extenso da igreja é sem dúvida a nave que tem um comprimento médio de 10m por 5,40m de largura. Todo o espaço é coberto por uma abóbada de berço, em tijolo, que se estende da fachada até à parede que marca o início da capela-mor. Nasce na cornija do topo das paredes laterais e eleva-se a 7,43m do pavimento. Por fim, o revestimento é feito por um telhado de duas águas que se adapta ao formato da abóbada e termina num beirado simples, sem cimalha. Como forma de garantir a estabilidade da abóbada, foram adicionados dois tirantes em ferro a cada extremidade da nave.

No topo Nordeste, fica a parede que divide a nave da capela-mor, cujo ingresso se faz pelo "arco triunfal", de volta perfeita, com 2,46m de vão por 3,88m de altura.

Este arco foi construído em alvenaria de tijolo e assenta em impostas de perfil geométrico, também de alvenaria de tijolo estucada e a ladeá-lo estão dois altares, bastante destruídos, apoiados em nichos abertos na parede, certamente, para colocar as imagens dos santos. Medem respectivamente: 1,88m X 1,02m do lado do Evangelho e 1,98m X 1,13m do lado as Epístola.

O acesso ao interior da igreja faz-se por uma porta do alçado Noroeste. Tanto a porta da fachada, que seria a principal, como a o alçado Sudeste foram entaipadas. A porta Noroeste (única em funções), tal como a Sudeste datam do primeiro quartel do séc. XVI. Ambas são muito semelhantes, em cantaria lisa de arestas chanfradas, diferindo apenas nas dimensões¹¹ e na forma do lintel: no primeiro caso, é recto e formado por um único bloco, no segundo é em arco abatido de três aduelas. A última foi fechada durante as obras de restauro da DGEMN, em 1979.

2.1.1. Fachada

A fachada encerra o topo Sudoeste da nave e é o seu alçado principal, pese embora, esta função esteja em parte anulada pelo desaparecimento da entrada e porque é o alçado menos monumentalizado do conjunto. De modestas proporções (6,20m X 5,88m), cumpre igualmente a função de empena onde é rematado o telhado, directamente sobre a parede.

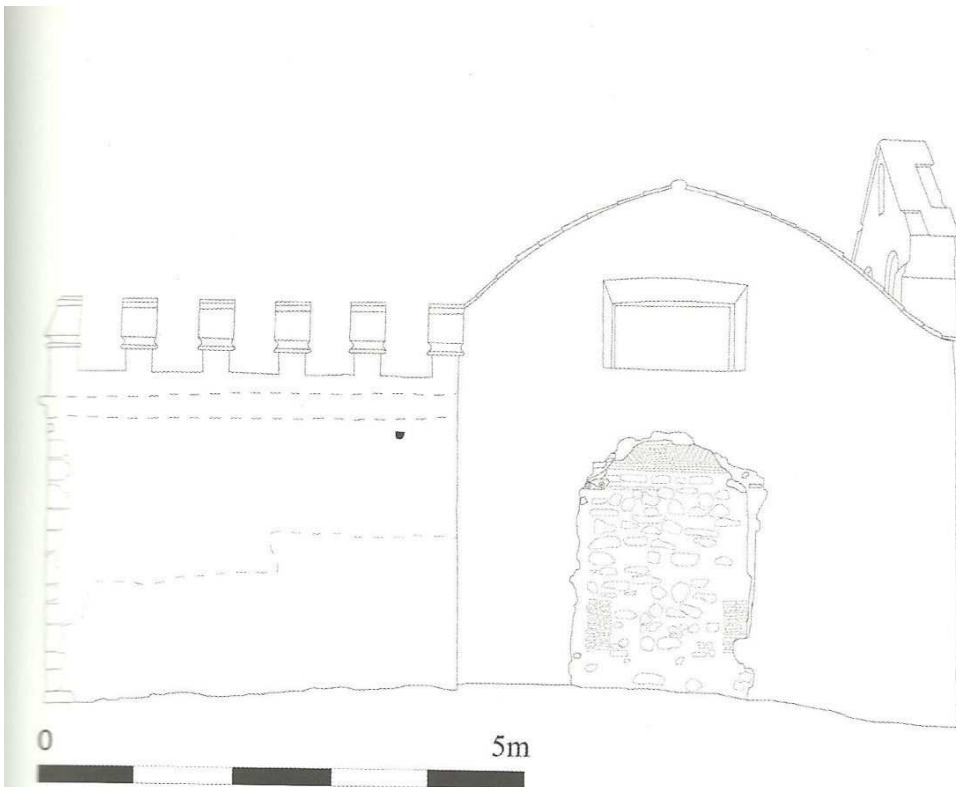
Desconhecemos qual o aspecto original da fachada, da Idade Média até ao início da Época Moderna. Hoje, é marcada somente por uma janela em cantaria de granito e pelo rombo deixado pela remoção de parte do entaipamento da porta principal¹².

A janela, rectangular, apresenta as medidas de 1,33m de largura por 0,80m de comprimento e é o único ponto por onde se faz a iluminação de toda a igreja, não sendo muito claro quando foi aberta, talvez nos finais do séc. XVII, princípios do XVIII.

O portal encontra-se entaipado provavelmente desde os finais do séc. XVII. Nesta data, o Paço dos Alcaides terá entrado em ruína, começando os seus restos a cair de encontro à fachada da igreja, tornando a entrada Sudoeste pouco segura. Independentemente das causas, em meados do séc. XVIII, a entrada já não existia. Hoje, restam parte do vão em alvenaria de tijolo rebocado e os dois blocos de mármore que serviam para apoiar os gonzos (distanciados 1,39m), um dos quais, uma imposta decorada alto-medieval.

O vão da porta tem 1,34m de largura por 3,05m de altura. No entanto, não é possível afirmar com certeza quais seriam as suas medidas exactas, uma vez que a soleira não é visível e as cantarias foram removidas antes da sua obstrução.

Convém ainda referir em relação ao portal, que este se encontrava pelo menos, 1m acima do pavimento da nave¹³, fazendo-se a entrada, seguramente, por um lanço de escadas.

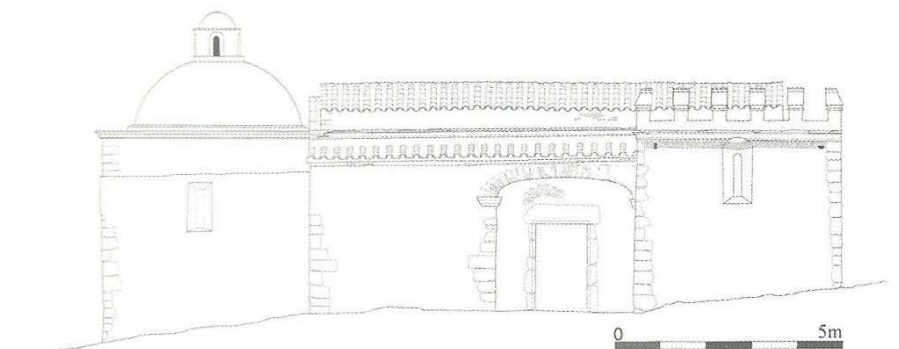


Fachada da igreja.

2.1.2. Alçado Noroeste

Este alçado está, em parte, oculto pela sacristia e pelo corpo da capela de N.ª Sr.ª do Rosário, que ocupam dois terços da parede. No espaço intermédio foi adaptado, entre os sécs. XVII-XVIII, um alpendre assente num arco abatido de tijolo (2,84m de vão), em jeito de *nartex*, cujo telhado dá continuidade ao da sacristia. Por se encontrar completamente arruinado foi refeito¹⁴ em 1979, com betão e vigas de cimento. Sob o alpendre encontra-se a porta Noroeste, já referida, cuja colocação truncou uma fresta em tijolo, possivelmente do séc. XV, cujo arco ainda é possível observar sob o ângulo esquerdo do lintel¹⁵, significando isto que até ao séc. XVI não existia nenhuma entrada a partir deste alçado.

Alguns centímetros acima do alpendre, encontra-se a cimalha original em alvenaria, que deixou de ter qualquer função estrutural em virtude de o telhado ter subido aquando do lançamento da abóbada.



Alçado Noroeste da igreja.

2.1.3. Alçado Sudeste

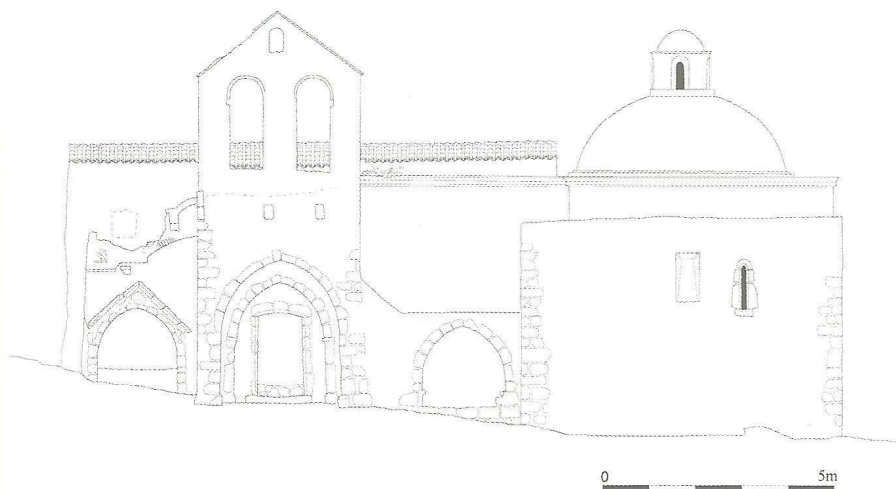
O alçado Sudeste é, sem dúvida, o que melhor conserva a fisionomia medieval, embora, como veremos, os seus elementos estruturantes não sejam exactamente contemporâneos.

Como eixo ordenador do alçado temos o campanário que, em rigor, deverá ser chamado de "espadana". Sob a espadana, encontra-se o antigo portal Sudeste da igreja constituído por um grande arco quebrado no qual se encaixa outro, de menores dimensões (2,07m de vão). É bastante provável que esta fosse a porta principal da igreja, considerando as suas invulgares dimensões para porta lateral. Poderá ser esta a razão pela qual, no séc. XVI, havendo já um portal na fachada, esta porta medieval é parcialmente entaipada, dando lugar a uma abertura de menores dimensões mais própria como porta secundária.

A ladear o portal foram construídos dois arcosólios tumulares, também em arco quebrado, sendo o da esquerda, encimado por um gablete. Sobre este último, foi lançado um passadiço que dava acesso da nave ao campanário. Embora não muito distantes cronologicamente, os arcosólios são algo posteriores ao portal, sendo esta parte estrutural do edifício, ao passo que os primeiros são simplesmente adossados.

A espadana também aparenta ser mais recente, possivelmente dos inícios do séc. XVI. Tem duas frestas com arcos de volta perfeita com arestas chanfradas, onde estavam colocados os sinos. Na base, pouco acima do portal, existia até meados do séc. XX, um eirado assente em três cachorros de granito, também com as arestas chanfradas, do qual ainda se mantém um cachorro, tendo desaparecido todo o resto.

Do interior da nave chegava-se ao eirado por uma fresta¹⁶ junto ao ângulo com o alçado Sudoeste. Foi aberta a 3,60m do chão e é possível que o seu acesso se fizesse por uma escada de madeira, a qual entrava em dois orifícios cavados na parede, pouco mais abaixo.



Alçado Sudeste da igreja.

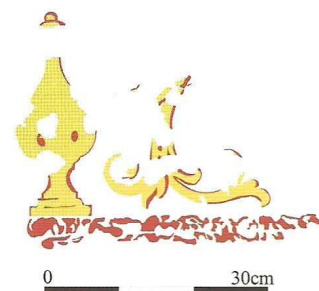
2.2. Capela-Mor

Ao contrário do aspecto cúbico que a capela-mor aparenta pelo exterior, a sua planta é bastante irregular, denunciando um contorno que nem sequer é rectangular mas antes, trapezoidal. Isto decorre do facto de o alçado Sudeste ser mais extenso que o alçado Noroeste (4,56m; 4,32 X 6,50m). A cobertura desta estrutura consiste numa cúpula hemisférica que termina num lanternim de quatro óculos¹⁷. Como é natural, um espaço assimétrico tem inerente um problema arquitectónico óbvio: A cobertura perfeitamente circular exige que o espaço a cobrir seja regular.

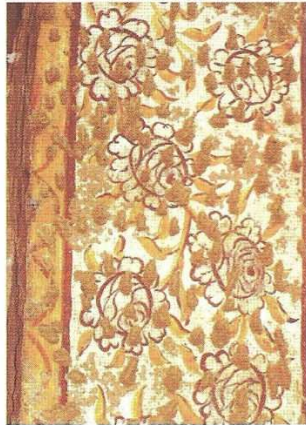
Como forma de resolver o problema da cúpula, sem afectar as preexistências, optaram por encostar dois arcos cegos às paredes laterais de modo a encurtar a partir dos topos, a área a cobrir, ou seja, criar um quadrado a partir de um rectângulo. Mesmo assim, não foi fácil construir a cúpula, pelo que, foi necessário recorrer a trompas de canto (assimétricas) e interceptar parte da parede testeira. A cúpula eleva-se a 8,01m do chão da capela-mor que, em conjunto com o lanternim perfaz a altura máxima de 9,05m.

Todo o interior da capela-mor foi estucado com acabamento em escaiola, provavelmente nos finais do séc. XVIII ou inícios do séc. XIX, ocultando os rebocos mais antigos que apresentam pinturas parietais sobre cal de tema vegetalista. Este tipo de pintura nota-se, aliás, no nicho esquerdo da nave, onde são representadas rosas.

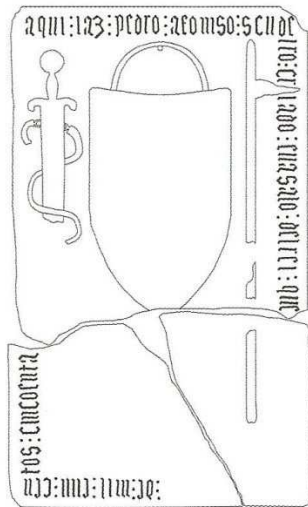
Ao centro da parede testeira encontrava-se um altar de talha do qual subsiste o negativo impresso na argamassa. Tinha ao centro um nicho que albergava a imagem



Capela-mor. Pintura mural de tema vegetalista (final do séc. XVII).



Nave. Pintura mural do nicho do altar do lado do Evangelho – Rosas (séc. XVII).



Nave. Laje sepulcral de Pedro Afonso de Aguiar (1450?).

do padroeiro, S. João Baptista, com S. Francisco Xavier e St.º Inácio de Loiola sobre a banqueta¹⁸.

A capela-mor contacta com a nave a partir do arco triunfal, anteriormente descrito, sendo iluminada por duas frestas rectangulares, uma em cada alçado lateral. Ambas estão entaipadas desde data incerta. É visível ainda, uma fresta "gótica" no alçado externo Sudeste, fechada aquando da reforma do séc. XVII.

O exterior é bastante austero, marcado unicamente pelos cunhais de granito e pelos volumes decorrentes das várias fases construtivas. São, por exemplo, notórios o estreitamento e a subida de altura dos alçados Sudeste/Noroeste para implantação da cúpula bem como a alteração da parede Oeste, de traçado menos regular. Conserva ainda, a toda a volta, a cimalha do telhado primitivo que segue, basicamente, o traçado das cornijas externas da nave.

2.3. Sacristia

Da sacristia pouco se conhece, uma vez que todas as suas aberturas foram fechadas em 1979. Comunicava com a capela-mor por uma porta, de pequenas dimensões, sob a imposta de onde arranca o arco da parede Noroeste, dando acesso à nave a partir do púlpito.

O púlpito foi rasgado da sacristia para nave, sendo a única abertura por onde estes dois corpos contactavam. É mais um dos elementos encerrados pelas obras de 1979, não restando mais do que o vão entaipado e o alizar em volta da porta. A base foi desmantelada provavelmente no séc. XIX, ou já no XX.

Ainda relativamente à sacristia, esta foi adossada à nave possivelmente no início do séc. XVI. Os seus cunhais graníticos irregulares aparentam ser anteriores à segunda metade do séc. XVI, altura em que passam a ser talhados, predominantemente, em esquadria.

2.4. Capela de N.ª Sr.ª do Rosário

Conhecida no séc. XVIII pela invocação de N.ª Sr.ª do Rosário, esta capela foi construída em meados do séc. XV, provavelmente como estrutura funerária. A ser verdade, albergaria o túmulo de Pedro Afonso de Aguiar, cuja tampa, em mármore, se encontra no lado esquerdo da nave, em posição invertida, a qual importa aqui transcrever:

AQUI : IAZ : PEDRO : AFOMSO : SCUD / EIRO : CRIADO : E UASALO : DEL REI : QUE [...] DE : MIL : E IIII : CEN / TOS : CINCOENTA [...]

Túlio Espanca faz a leitura desta epígrafe recorrendo a uma fonte não identificada, provavelmente do séc. XVIII, que transcreve de forma grosseira algumas palavras de

óbvia leitura¹⁹. Mário Barroca, por seu turno, recorre à interpretação de Espanca mantendo o mesmo lapso²⁰.

Infelizmente, os dados biográficos de Pedro Afonso de Aguiar são escassos, mesmo assim, será importante fazer referência a esta figura porque, em grande medida, poderá explicar a construção da capela.

No último quartel do séc. XIV, o rei D. Fernando nomeia um certo Pedro Afonso de Aguiar, alcaide-mor de Montemor-o-Novo. A sua vida é quase desconhecida, excepto que teve um filho, Diogo de Aguiar, nascido por volta de 1370. O seu neto, também de nome Pedro Afonso de Aguiar, terá nascido nos inícios do séc. XV e casou com Mécia de Sequeira, filha de Fernão Anes Torres²¹. O problema aqui é saber realmente a quem pertence a epígrafe, se ao alcaide-mor, se ao seu neto.

O mais verosímil é tratar-se, efectivamente, da sepultura de Pedro Afonso de Aguiar neto. Tanto o tipo de escrita (gótica minúscula angulosa), como o conteúdo da epígrafe sugerem uma cronologia mais avançada, compatível com a hipotética data da sua morte, em meados do séc. XV. Caso se tratasse do primeiro, o cargo de alcaide-mor, seria referido no epitáfio, como é comum em epígrafes deste género.

Por outro lado, ao contrário do que faz crer Mário Barroca²², o campo epigráfico está demasiado apagado para perceber o sistema de datação que, tanto poderia ser segundo a Era Hispânica, como pela Era Cristã. Assumimos portanto, pelas razões indicadas, que a tampa data efectivamente de 1450.

Assim sendo, é possível aceitar, embora com as devidas reservas, que a Capela de N.ª Sr.ª do Rosário fosse inicialmente o lugar da sepultura do escudeiro Pedro Afonso de Aguiar, tendo sido expressamente construída para o efeito.

Aparte a questão fundacional, a capela foi edificada seguramente em meados do séc. XV, com os elementos arquitectónicos característicos desse período.

A capela contacta com a nave pelo alçado Noroeste, junto à fachada, fazendo-se a entrada por um grande arco quebrado²³ em alvenaria de tijolo estucada. Tem uma planta quase quadrangular (3,49 X 3,29), com a cobertura correspondente constituída por uma abóbada de nervuras graníticas chanfradas.

As nervuras nascem em mísulas cilíndricas de remate prismático, muito semelhantes às da cabeceira da igreja de S. Pedro da Ribeira e, no seu cruzamento, foi colocada uma chave cujo motivo central parece ser vegetalista.

Na testeira, foi aberta uma fresta com remate em arco de volta perfeita que constituía o único ponto de iluminação da capela; actualmente está entaipada. Na mesma situação encontra-se uma abertura no muro do alçado Sudoeste, que não é fácil perceber se se trata somente de um arco cego, se de uma porta. De qualquer

modo, no interior notam-se vários arranjos do paramento da parede, que denunciam um rasgo, outrora aberto para o exterior.

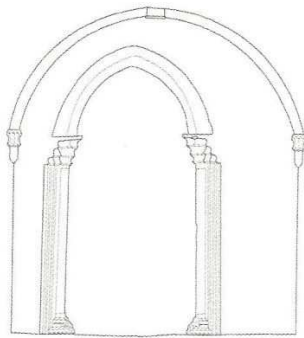
O arco de ingresso à capela, por seu turno, é elemento mais interessante do conjunto, sobretudo pelo seu significado arquitectónico. Foi utilizado na sua construção predominantemente o tijolo sendo depois coberto por estuque caiado que reproduz os detalhes mais delicados da estrutura, nomeadamente os capitéis e as bases dos pilares, de secção prismática.

A enquadrar os pilares temos uma moldura contínua de ribetes paralelos que ligam aos capitéis em vários níveis. No interior, a solução decorativa segue o mesmo programa, à excepção de um facto: os ribetes não terminam no capitel, mas num pequeno conjunto de *muqarnas* que lhe dão seguimento horizontal. Não obstante tratar-se de um exemplo muito modesto, a utilização de *muqarnas* não é conhecida em mais nenhuma edificação deste período, em Portugal.

O exterior da capela conserva grande parte do aspecto medieval embora com um coroamento de merlões chanfrados, acrescentado nos inícios do séc. XVI. Importa assinalar que a maioria dos merlões foi reposta em 1979, a partir de um único, que se conservava no alçado Sudoeste. Os merlões haviam sido truncados para adaptar a cobertura a um telhado de meias-águas. No séc. XV, a linha de cobertura ficava a uma cota mais baixa, vertendo as águas pluviais através de orifícios abertos na parede: dois no alçado Noroeste e um no alçado Sudoeste.

O tratamento da superfície parietal está, em geral, bem conservado notando-se, somente a reposição de parte do reboco no alçado Sudoeste. Este revestimento foi decorado com esgrafitados, uns simulado a esquadria dos silhares dos cunhais, os outros, uma faixa reticulada sob a cimalha.

Ao nível do pavimento interno, nota-se a utilização de ladrilhos dispostos em espinha e várias lajes de pedra, reaproveitadas, usadas para reparar áreas destruídas. Uma destas lajes é uma troneira recolhida certamente nas ruínas do Paço dos Alcaides.



Alçado interior Sudeste da Capela de N.ª Sr.ª do Rosário.

3. Estratigrafia

Tal como numa sucessão de camadas geo-antrópicas horizontais, também as construções verticais podem ser lidas de acordo com o princípio da sucessão estratigráfica²⁴. Efectivamente, todos os edifícios apresentam uma sequência construtiva que se prolonga diacronicamente por várias fases, em particular, os mais antigos. Mesmo só apresentando uma fase, é impossível fazê-la corresponder a um único momento cronológico – uma edificação histórica é sempre alvo de inúmeras remodelações que se registam forçosamente na sua estrutura.

Fica claro, então, que a qualquer edificação não horizontal, é possível aplicar um método de análise e descrição baseado em princípios arqueológicos.

Esta forma de análise é empregue desde os anos 70 na Itália e em Espanha, mas só a partir de 1990 se desenvolve enquanto conceito e disciplina: Arqueologia da Arquitectura²⁵.

Em Portugal, só nos últimos anos se têm realizado alguns trabalhos dentro deste âmbito introduzidos em 2001 por Maria Ramalho²⁶.

3.1. Metodologia

O tipo de abordagem estratigráfica a ser utilizado na análise estrutural da Igreja de S. João Baptista baseia-se essencialmente no método de Edward Harris. Assumimos portanto, três tipos de relação possível entre unidades: mais antiga que...; mais recente que...; contemporânea²⁷.

Em resultado do trabalho de levantamento apresentar-se-ão à frente, de forma mais ou menos detalhada, a descrição das unidades, a sua interpretação integrada bem como as respectivas matrizes. Relativamente a este ponto e de maneira a simplificar a sua compreensão, optou-se pela apresentação de matrizes divididas por alçados em lugar de uma matriz geral.

Somente seis dos alçados internos da igreja serão alvo de uma análise detalhada. Isto prende-se com vários factores de ordem prática que desaconselham, por exemplo, um estudo mais profundo dos alçados externos.

Esta escolha recai em grande medida na possibilidade de registo que uns alçados oferecem em detrimento de outros. Os alçados externos, aparte a sua valia arquitectónica intrínseca, foram o principal objecto da recuperação levada a cabo pela DGEMN em 1979 que, entre outras coisas, repôs os rebocos em falta, ocultando grande parte dos elementos com interesse estratigráfico. O interior da igreja, pelo contrário, foi pouco modificado nos últimos 150 anos à excepção da actividade dos agentes naturais que foram alterando os seus constituintes construtivos.

Devido à forma desigual como os diferentes elementos se de degradaram, foram ficando expostos os vários "estratos" construtivos, os quais fornecerão dados importantes para uma leitura diacrónica.

Obviamente, esta não é a forma ideal para a colheita de dados e, de modo algum, poderá substituir futuras sondagens parietais. Porém, de momento, é a única possível mesmo correndo o risco de levar a interpretações falaciosas.

3.2. Descrição Estratigráfica

A descrição das unidades estratigráficas, limitar-se-á a uma breve caracterização, que visa essencialmente uma identificação rápida das mesmas. Será evitada, de igual forma, a enumeração exaustiva das relações entre as unidades, cingindo-se esta apenas aos casos em que seja imprescindível para sua correcta localização. As relações serão apresentadas sob a forma de matriz.

As unidades serão adiante identificadas por "U.E." ou contidas por parênteses rectos "[]".

3.2.1. Nave

Alçado Noroeste

U.E. 01 – Entaipamento do vão do púlpito e rombo deixado pela remoção da sua base. Aparelho irregular de pedra e cimento "portland".

U.E. 02 – Camada de reboco que cobre grande parte do alçado. Argamassa de cal branca, pouco compacta que, em análise macroscópica revelou conter grãos de quartzo rolado e micas de dimensão muito fina. Esta "carga" provém com alguma segurança, de areias fluviais.

U.E. 03 – Camada de reboco sob a [02]. Argamassa de cal bege, pouco compacta que, em análise macroscópica revelou conter grãos de quartzo rolado e micas de dimensão muito fina. Esta "carga" provém, com alguma segurança de, areias fluviais.

U.E. 04 – Camada de reboco sob a [03]. Argamassa de cal, bege, muito compacta que, em análise macroscópica revelou conter grãos de quartzo rolado e micas de dimensão muito fina. Esta "carga" provém, com alguma segurança de areias fluviais.

U.E. 05 – Substrato geológico, sobre o qual assenta a [08].

U.E. 06 – Interface das [20] e [01]. Buraco aberto na parede para inserção do púlpito.

U.E. 07 – Vão cego aberto na [20] para alargamento do altar colateral do lado do Evangelho.

U.E. 08 – Cimalha do alçado Noroeste, em alvenaria de tijolo.

U.E. 09 – Negativo das guardas do púlpito deixado na superfície da [03].

U.E. 10 – Estrutura da porta do púlpito, em alvenaria de tijolo, aberta na [20].

U.E. 11 – Vão da porta aberta na [20].

- U.E. 12 – Degrau. Betão armado.
- U.E. 13 – Degrau em pedra.
- U.E. 14 – Negativo da pia de água benta deixado na [03].
- U.E. 15 – Espessamento da [02] sobre o arco da Capela de N.^a Sr.^a do Rosário.
- U.E. 16 – Vestígios de duas cavidades, provavelmente para inserção da cobertura em madeira.
- U.E. 17 – Camada de estuque dos pilares do arco da capela de N.^a Sr.^a do Rosário. Argamassa de cal pouco compacta, branca, de granulometria muito fina e carbonatada.
- U.E. 18 – Pilares do arco da capela de N.^a Sr.^a do Rosário, em alvenaria de tijolo.
- U.E. 19 – Degrau da entrada da capela de N.^a Sr.^a do Rosário, feita com lajes de granito aparelhadas.
- U.E. 20 – Parede do alçado, com aparelho irregular de pedra argamassada com ligante de cal e areia, similar à [4].
- U.E. 21 – Alizar que moldura a porta do púlpito. Reboco de cal e areia semelhante à [03].
- U.E. 22 – Arco quebrado da entrada da capela de N.^a Sr.^a do Rosário. Alvenaria de tijolo.

Alçado Sudoeste

- U.E. 23 – Entaipamento do rombo provocado na obstrução do portal Sul. Alvenaria de tijolo e cimento “*portland*”.
- U.E. 24 – Trave de madeira de função incerta, provavelmente para reforço do entaipamento do portal.
- U.E. 25 – Parede e empena do alçado Sudoeste. Aparelho irregular de pedra argamassada.
- U.E. 26 – Arco interno do portal Sudoeste. Alvenaria de tijolo argamassado.
- U.E. 27 – Reboco de cal e areia, equivalente à [02].
- U.E. 28 – Reboco de cal e areia, equivalente à [03].
- U.E. 29 – Entaipamento do portal Sudoeste. Alvenaria de tijolo argamassado.
- U.E. 30 – Parte inferior da obstrução do portal Sudoeste. Alvenaria irregular de pedra argamassada.

- U.E. 31 – Interface das [25] e [32]. Alvenaria de tijolo argamassado.
- U.E. 32 – Janela constituída por 4 blocos de granito aparelhados, aberta na [25].
- U.E. 33 – Alçamento da empena Sudoeste que encerra a extremidade da abóbada. Alvenaria de pedra argamassada (?).
- U.E. 34 – Argamassa de cal e areia equivalente à [04].
- U.E./s 35 e 36 – Orifícios abertos na [25], para apoiar uma estrutura não identificada. Não foi possível verificar se rompem as [28] e [27].

Alçado Sudeste

- U.E. 37 – Parede do alçado Este. Aparelho irregular de pedra argamassada. Equivalente às [20] e [25].
- U.E. 38 – Camada de reboco de cal e areia, equivalente às [02] e [27].
- U.E. 39 – Vão cego aberto na [37] para alargamento do altar colateral do lado da Epístola.
- U.E. 40 – Entaipamento da [49] com alvenaria de tijolo industrial furado e argamassa de cimento "portland".
- U.E./s 41, 42 e 43 – Orifícios abertos na [37], para apoiar estrutura não identificada. Não foi possível verificar se rompe a [38].
- U.E. 44 – Cimalha do alçado Sudeste, em alvenaria de tijolo
- U.E. 45 – Obstrução da fresta de acesso ao campanário.
- U.E. 46 – "Sondagem parietal" entaipada com algumas pedras e tijolos argamassados com cimento "portland".
- U.E. 47 – Parte externa da fresta em alvenaria de tijolo argamassada.
- U.E. 48 – Lintel da fresta, com orifício para o gonzo da portada.
- U.E. 49 – Vão da porta rasgada na [37].

Alçado Nordeste

- U.E. 50 – Degrau de ingresso à capela-mor, constituído por lajes de granito, de dimensões variáveis, medindo a maior 1,50m X 1,10m X 0,18m.
- U.E. 51 – Arco triunfal. Alvenaria de tijolo argamassado, coberto pelas [52] e [54].

- U.E. 52 – Reboco de cal e areia equivalente às [02], [27] e [38].
- U.E. 53 – Argamassa de cal e areia equivalente às [04] e [34].
- U.E. 54 – Reboco de cal e areia equivalente às [03] e [28].
- U.E. 55 – Cimalha do alçado Nordeste, em alvenaria de tijolo.
- U.E. 56 – Alçamento da empena Nordeste que encerra a extremidade da abóbada. Alvenaria de pedra argamassada (?).
- U.E. 57 – Base do altar do lado do Evangelho. Aparelho misto irregular, de pedra e tijolo argamassados.
- U.E. 58 – Reboco de cal e areia que cobre a [57].
- U.E. 59 – Base do altar do lado da Epístola. Aparelho misto irregular, de pedra e tijolo argamassados.
- U.E. 60 – Reboco de cal e areia que cobre a [59].
- U.E. 61 – Nicho aberto na [66], do lado do Evangelho, para albergar imagem litúrgica.
- U.E. 62 – Reposição de reboco na [61].
- U.E. 63 – Nicho aberto na [66], do lado da Epístola para albergar imagem litúrgica.
- U.E. 64 – Reposição de reboco na [63].
- U.E. 65 – Cavidade de secção rectangular que atravessa a [63], e a [64], talvez para inserção de bloco de madeira para fixação de um altar em talha.
- U.E. 66 – Parede e empena que fecham o topo Norte da nave. Aparelho, possivelmente, irregular de pedra argamassada.

3.2.2. Capela-Mor

Alçado Noroeste

- U.E. 67 – Argamassa de cal e areia equivalente às [04], [34] e [53].
- U.E. 68 – Parede de aparelho irregular de pedra argamassada.
- U.E. 69 – Reboco de cal e areia equivalente às [03], [28] e [54].
- U.E. 70 – Pequeno nicho aberto na [68], provavelmente para guardar objectos litúrgicos. Finais do séc. XVII, princípios do séc. XVIII.

U.E./s 71 e 76 – Negativos de traves de madeira que fazem os limites superior e inferior da [70]. Finais do séc. XVII, princípios do séc. XVIII.

U.E. 72 – Interface das [68] e [70]. Alvenaria de tijolo argamassado.

U.E. 73 – Pilar adossado às [68] e [81], do arranque Noroeste da [79]. Alvenaria de tijolo argamassado.

U.E. 74 – Imposta onde se apoia o arranque Sudoeste da [79]. Alvenaria de tijolo argamassado.

U.E. 75 – Reboco de cal e areia, escaiolado, equivalente às [02], [27], [38] e [52].

U.E. 77 – Entaipamento da [78]. Argamassa de cimento “portland”.

U.E. 78 – Fresta rectangular aberta na [68].

U.E. 79 – Arco-cego onde se apoia a abóbada que cobre a capela-mor. Alvenaria de tijolo argamassada.

U.E. 80 – Camada de cal que cobre a [67].

U.E. 81 – Vestígios de pintura mural, a vermelho, directamente sobre a [80].

Alçado Nordeste

U.E. 82 – Reboco de cal e areia equivalente às [03], [28], [54] e [69].

U.E. 83 – Pintura a vermelho e amarelo sobre a superfície caiada da [83].

U.E. 84 – Pequeno nicho aberto na [94], possivelmente para conter objectos litúrgicos.

U.E. 85 – Vão aberto na [94], possivelmente para encaixe do nicho do altar-mor.

U.E. 86 – Obstrução da [85], com tijolo argamassado.

U.E. 87 – Camada de argamassa de cal e areia que cobre a [94], sendo equivalente às [04], [34], [53] e [67].

U.E. 88 – Negativo do altar-mor em talha que assentaria sobre a [87].

U.E. 89 – Orifício cavado na [94], o qual não permite saber se também atravessa as [82] e [91].

U.E. 90 – Enchimento da [89] com argamassa grosseira de cal e areia, com pequenas pedras.

U.E. 91 – Estuque de cal e areia, escaiolado, equivalente às [02], [27], [38], [52] e [75].

U.E. 92 – Argamassa de cal e areia que cobre a [86].

U.E. 93 – Pedaco de madeira que atravessa as [87] e [94] e servia para fixar o altar-mor à parede.

U.E. 94 – Parede em alvenaria de pedra argamassada de aparelho irregular.

3.3. Análise Estratigráfica

Como objectivo essencial de uma análise estratigráfica temos a sua relação cronológica. Efectivamente, é com base na articulação entre as várias unidades que se define, não só a respectiva cronologia mas, mais importante, toda a evolução temporal de um arqueossítio.

Não é novidade a aplicação deste método ao património construído do qual se obtém, na generalidade dos casos, bons resultados. No entanto, é importante perceber-se que, na maioria destes casos, a leitura é feita a partir de paramentos murais limpos do seu revestimento (reboco).

Relativamente à Igreja de S. João Baptista, tal como atrás ficou dito, só pontualmente podemos ter uma leitura estrutural dos paramentos, a qual é impossível de efectuar no exterior. Contudo, nunca foi premissa essencial deste estudo ler exclusivamente o núcleo da estrutura, mas todo o seu conjunto, inclusive rebocos. Isso coloca uma questão interessante que poderá ser limitadora na compreensão do imóvel – o problema dos rebocos.

Até tempos muito recentes, nunca foi prática comum remover integralmente os rebocos degradados²⁸, mas antes colmatar as áreas em falta ou muito destruídas. Em termos práticos, podemos ter duas ou mais áreas adjacentes com um hiato cronológico de centenas de anos. No caso de S. João Baptista, acresce o facto de todo o interior ter sido caído com uma mistura de cal e almagre, dificultando a visibilidade nalguns pontos. De qualquer modo, nos alçados observados, à excepção de algumas zonas [62 e 64], as camadas de reboco parecem estender-se uniformemente. A opção parece ter sido sempre a de rebocar totalmente as paredes quando denunciavam degradação, ao invés de reparar só as falhas.

Como unidade básica do edifício, temos o substrato geológico granítico [05], o qual aflora em pelo menos três do alçados e é visível sob a [20]. Esta última unidade aparenta ser equivalente às unidades [25, 37 e 66], ou seja, corresponde ao grosso da estrutura parietal construída, talvez no último quartel do séc. XIII.

A esta fase sucedem-se várias transformações no corpo da nave que, resumidamente, prendem-se com a abertura de várias entradas. Em meados do séc. XV foi construído arco da Capela de N.^a Sr.^a do Rosário representado pelas unidades [17], [19] e [22].

Nos inícios do séc. XVI, foram rasgadas as portas [11], [26] e [49]. Neste segundo momento terão sido ainda refeitas as paredes [68 e 94] da capela-mor, aberta a fresta de acesso ao campanário [47 e 48] e todas as paredes rebocadas – [04], [34], [67] e [87].

Nos fins do séc. XVII, princípios do XVIII, a igreja sofre uma importante campanha de obras, que lhe retira grande parte da aparência medieval. O aspecto mais significativo desta fase, foi a substituição da cobertura em madeira por uma abóbada de berço, implicando a subida em altura das empenas da nave, expressa nas unidades [33] e [56].

Na fachada, o portal foi entaipado com diferentes materiais, talvez por questões de estabilidade. Assim, ao muro de base em alvenaria de pedra [30] sucede uma trave de madeira [24] sobre a qual foi concluída a obstrução com um paramento de tijolo [29]. Em simultâneo, é rasgada a janela [32] para melhorar a iluminação da igreja, reduzida às duas frestas na capela-mor, das quais foi registada a do alçado Oeste [78].

Todas as estruturas de apoio à liturgia foram melhoradas, incluindo os altares laterais [57 e 59], apoiados por nichos frontais [61 e 63] e vãos cegos nos alçados perpendiculares [07 e 39]. A capela-mor, cuja entrada terá sido alargada com um novo arco triunfal [51], recebeu um altar, totalmente em talha, do qual restou o negativo [88] impresso na parede testeira e um bloco de madeira [93] que servia para o fixar na mesma. Para a colocação do altar-mor foi necessário fechar um nicho preexistente [85], possivelmente, onde estava depositada a imagem do padroeiro. Ainda na capela-mor, o novo sistema de cobertura, exigiu pontos de apoio adicionais [73, 74 e 79].

Os pequenos nichos [70 e 84] datam também desta campanha de obras, bem como o desaparecido púlpito representado pelas unidades [06], [09] [10] e [21] e a pia de água benta, de que resta o negativo [14] impresso na parede.

Ter-se-á concluído a renovação, com uma camada reboco [03, 28, 54, 69 e 82], generalizada a todo o interior da igreja, cobrindo outra do séc. XVI (?), que no alçado Oeste da capela-mor, conserva vestígios de pintura [81] sobre caiação prévia [80]. Este tipo de pintura repete-se também na [82], representando motivos vegetalistas [83] a moldurar o altar-mor, embora associado uma unidade posterior [67].

Nos finais do séc. XVIII, ou já princípios do XIX, a igreja sofre novo restauro mas desta vez sem implicar mudanças estruturais significativas, limitando-se somente à aplicação generalizada de uma camada de reboco [02, 27, 38, 75 e 91], registada em todos os alçados. Sobrepôs-se directamente ao estuque do século anterior [03, 28, 54, 69 e 82], o qual foi picotado para melhorar a aderência da camada seguinte.

Na capela-mor, esta nova camada de reboco [75 e 91] recebeu pintura a escaiola, simulando painéis de mármore coloridos.

Durante grande parte do séc. XIX e XX, não parece ter havido obras de grande visibilidade. Foi preciso esperar por 1979, ano em que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais procedeu a uma recuperação dos revestimentos deteriorados e, por critério próprio, entaipou várias aberturas, as quais foram fechadas, quer com materiais reaproveitados [23, 46 e 77], quer com materiais novos, como o tijolo furado [40], utilizando, invariavelmente, como ligante a argamassa de cimento "portland". Este momento corresponde, portanto, às unidades estratigráficas mais recentes presentes no imóvel.

Notas finais

Durante séculos, a Igreja de S. João Baptista de Montemor-o-Novo foi sede de uma das quatro paróquias desta vila, hoje cidade. Era a mais pequena e, em consequência, uma das mais pobres em recursos. Esta pobreza ditou a reduzida dimensão do edifício que, no seu período áureo tinha somente 16 fregueses. A falta de recursos impediu, ainda, renovações mais profundas ao gosto de época como sucedeu, por exemplo na Igreja de St.^a Maria do Bispo, completamente reconstruída entre 1524 e 1534²⁹, sob cânones manuelinos. Não quer isto dizer que fosse isenta de obras de vulto, no entanto, estas são sempre decorrentes da necessidade de reparação e não por uma questão de moda. Assim se explica, por exemplo, a manutenção da cobertura de madeira até ao fim do séc. XVII, quando, até a pequena paroquial de Santiago tinha um tecto abobadado há mais de 100 anos.

Este estado de coisas contribuiu para a manutenção em detrimento da substituição, o que é possível observar na planta, quase inalterada desde o séc. XIV senão mesmo desde o final do séc. XIII. Nota-se somente um recuo do cunhal Noroeste e encurtamento do alçado correlativo, na capela-mor, durante o séc. XVI, relacionado, quiçá, com uma derrocada em consequência do terramoto de 1531.

Relativamente à capela-mor, fica afastada a hipótese de se tratar de uma *qubba* islâmica reaproveitada tal como conjecturava Ricardo Averini³⁰, visto a estrutura não ter a regularidade geométrica necessária e a cúpula ser claramente dos finais do séc. XVII. A cobertura original deveria ser de três águas, muito semelhante à da cabeceira da Igreja de S. Vicente, também em Montemor-o-Novo.

Parece, por outro lado, haver um padrão muito próprio na construção dos pequenos templos medievais do termo montemorense; talvez até uma tipologia: nave única com a cabeceira rectangular destacada, ou não, espadana em vez da torre sineira (S. João Baptista, Santiago, S. Vicente) e a ausência de portal axial privilegiando as

entradas laterais (S. João Baptista e St.º André do Outeiro). A contemporaneidade, contribuirá certamente para esta proximidade formal.

Ficam várias questões em aberto, uma das quais prende-se com a articulação entre a fachada e o muro Nordeste Alcáçova. A curta distância entre a igreja e o Paço dos Alcaides, poderá ter condicionado, quer a abertura tardia do portal, que cremos ser quinhentista, quer o seu encerramento, nos finais do séc. XVII. Porém, não temos dados suficientes para o afirmar categoricamente. Poder-se-á responder no decorrer de futuros trabalhos arqueológicos.

Agradecimentos

Agradeço em especial à Manuela Pereira, ao Artur Henriques, ao Mário Pinto e ao Duarte Abebora, da Oficina de Arqueologia da C. M. de Montemor-o-Novo.

Agradeço ainda ao Joaquim Pinhão e ao Pedro Carpetudo por todo o apoio, sempre incondicional, que me prestaram.

Documentos

1 – 1534, 20 de Outubro – Visitação da Igreja de S. João Baptista

Vysytaçam da Jgreja de sam João da Vylla de momte moor o novo de que he prior o bispo de targua

Aos vimte dias do mês doutubro da Era de mill e bc xxx iiiijº Vysytou o dito visytador a Igreja de sam João da Vila de momte moor o nnovo em pesoa do viguairo da vara e de toda a outra clerezia que na dita Igreja ouve a quall a [...] ouvida no Espritoall e quanto ao temporal mamdou as cousas seguintes

Primeiramente mamdou ao sñr mestre escola que manda se pintar e Renovar as Imageins do cruzeiro ¶ mamde por na dita Jgreja quatro castiçães compridos de canudo honRados ¶ e asy concertar os dous calizes comvem a saber huum que anda torto e outro que se vaza por nom ser bem soldado ¶ e bem asy mandar a por na cruz de prata no crucifixo dela huum aballmaz de prata o que todo asy comprira o dito mestre escola ate pascua primeira que vem sob penna de dous mill rs.

BPE, Cod. CXXIII/1-1, fl. 351-352v.

2. 1758 – Memória Paroquial da Freguesia de S. João Baptista de Montemor-o-Novo.

1. A freguezia de Sam João Bautista dentro no Castello da villa de Montemor o novo Arcebispado, e comarca da Cidade de Evora.

3. Tem sómente hum cazal com duas pessoas, que moram dentro do Pallaçio, muyto arruinado do Illustrissimo Excellentissimo Duque de Aveyro, que he a única caza que tem a freguezia.

7. O orago, he Sam João Baup-tista; a Igreja he pequena de huma só nave; tem duas portas, cada huma de sua ilharga; tem quatro altares: no Mayor está Sam João Baup-tista em hum nicho; e sobre a banquetta da parte do Evangelho Santo Ignaçio de Loyola; e da epistola Sam Francisco Xavier: No altar colateral da parte do Evange-lho, está Santa Thereza, e no correspondente da parte da Epistola, Sam Francisco de Borja: O quarto altar está no fundo da Igreja a parte do Evangelho; tem a Imagem de Nossa Senhora do Rozario, e hum capellão, que apresenta a Camara da ditta Villa: não tem Irmandade alguma.

8. O Parocho intitulla-se Economo; he da apresentação do Reverendissimo Reitor do Collegio da Companhia de JESUS da Cidade de Evora; tem de congrua moyo e meyo de trigo; quarenta almudes de mostro, quatro cargas de uvas tintas, e tres alqueires de azeite; tudo pago pellos Reverendos Padres da Companhia de Jezus da Cidade de Evora, que cobram os dizimos pertencentes a ditta freguezia.

9. Não tem Beneficiados, nem Conventos.

26. Pello terremoto padeseo a rruina de algumas rachas que logo se rrepararão.

IAN/TT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Vol. 14, fl. 1455-1455-v.

Fontes

Manuscritas

IAN/TT, *Chancelaria de Afonso III*, L^o 3, fl. 1.

IAN/TT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Vol. 14, fl. 1455-1455-v.

BPE, Cod. CXXIII/1-1, fl. 351-352v.

Impressas

PEREIRA, Gabriel, *Documentos históricos da cidade de Évora*, Lisboa, Ed. *Fac-simile*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

Bibliografia

- AGUIAR, José, *Uma arqueologia da cor?: Conservação de superfícies e revestimentos no património urbano português*, *Estudos Património*, Lisboa, N.º 9, 2006, pp. 56-71.
- BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- BRANCO Manuel, "O Manuelino em Montemor-o-Novo", in *Montemor-o-Novo quinhentista e o Foral Manuelino*, Montemor-o-Novo, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2003, pp. 85-106.
- BROGILO, Gian Pietro, "L'Archeologia dell'architettura in Italia nell'ultimo quinquennio (1997-2001)", in *Arqueología de la Arquitectura*, N.º 1, Vitoria-Gasteiz, Universidade do País Basco e Conselho Superior de Investigações Científicas, 2002, pp. 19-26.
- CORREIA, José Hilário de Brito; ÁLVARES, J. Manuel, *Estudos históricos, jurídicos e económicos sobre o município de Montemor-o-Novo*, Coimbra, Ed. Fac-simile, Coimbra-Editora, 2001.
- ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal: Distrito de Évora*, Vol. I, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1975.
- FONSECA, Jorge, "A vila intra-muros de Montemor-o-Novo: Contributo para o seu estudo", *Almansor*, Montemor-o-Novo, 1.ª série, N.º 11, 1993, pp. 29-80.
- FONSECA, Jorge, *Montemor-o-Novo no séc. XV*, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998.
- GAYO, Felgueiras, *Nobiliário de famílias de Portugal*, T. I, Braga, Oficinas gráficas da "Pax", 1938, p. 13.
- HARRIS, Edward, *Princípios de estratigrafia arqueológica*, Barcelona, Ed. Crítica, 1991.
- NÚÑEZ MARTÍNEZ, Ana María, "Reflexión sobre la Arqueología de la Arquitectura", *Revista ArqueoMurcia*, N.º 2, Murcia, 2004, pp. 1-20.
- QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio, "Arqueología de la Arquitectura en España", in *Arqueología de la Arquitectura*, N.º 1, Vitoria-Gasteiz, Universidade do País Basco e Conselho Superior de Investigações Científicas, 2002, pp. 27-38.
- RAMALHO, M. de M., "II. As fortificações marítimas do porto e Nobre Vila de Cascais", in BARROS, M. F. R. *et alii*, *As fortificações marítimas da costa de Cascais*, Lisboa, Quetzal Editores, 2001, pp. 25-80.
- RAMALHO, M. de M. (coord.), "Caderno — Conjuntos Monásticos. Intervenções", *Património Estudos. Intervenções em Conjuntos Monásticos*, N.º 2, Lisboa, 2002, pp. 5-95.

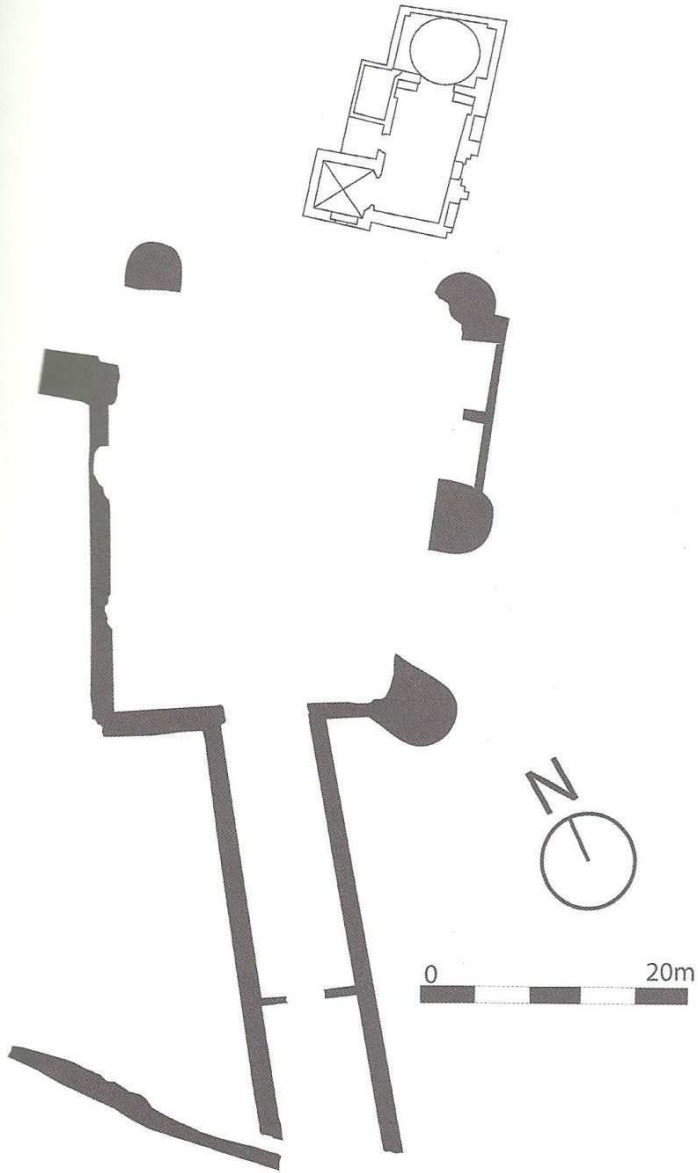
TABALES RODRÍGUEZ, Miguel Ángel *et alii*, *Análisis arqueológico: El Cuartel del Carmen de Sevilla*. Sevilla, Junta de Andalucía, 2002.

Notas

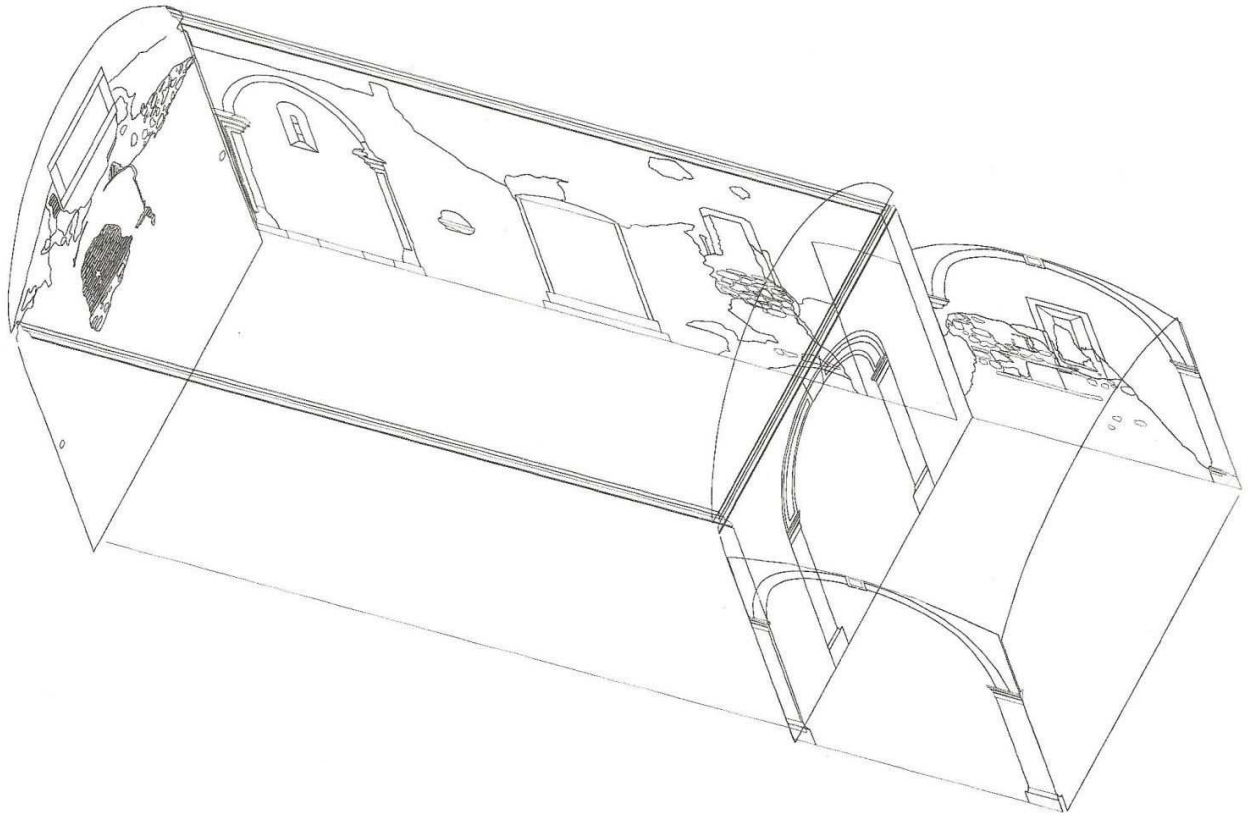
1. FONSECA, 1993, p. 45.
2. BPE, Cod. CXXIII/1-1, fl. 352.
3. IAN/TT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Vol. 14, fl. 1455.
4. PEREIRA, 1998, p. 563.
5. IAN/TT, *Chancelaria de Afonso III*, L.º 3, fl. 1.
6. IAN/TT, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Vol. 14, fl. 1449.
7. BPE, Cod. CXXIII/1-1, fl. 352-v.
8. ESPANCA, 1975, pp. 289-290.
9. CORREIA e ÁLVARES, 2001, p. 135.
10. ESPANCA, *op. cit.*
11. Porta Oeste: 1,94m X 1,19m; porta Este: 1,97m X 1,10m.
12. Este rombo parece ter sido feito pelas obras de restauro da DGEMN, em 1979, não obstante, grande parte do entaipamento ter ruído em data anterior.
13. A cota do terreno, do lado Sul, está a 1,30m do pavimento da nave e não há indícios de ter sido muito mais baixa durante a Idade Média.
14. Nesta data só restava o arco.
15. O que resta desta fresta, foi posto à vista pelo restauro de 1979.
16. Também decorrente de uma sondagem parietal da DGEMN, em 1979, que foi novamente fechada.
17. A cúpula foi construída, provavelmente, no séc. XVII, respeitando as paredes do séc. XIV.
18. IAN/TT, *Corpo Cronológico*, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Vol. 14, fl. 1455.
19. ESPANCA, *op. cit.*, p. 290.
20. BARROCA, 1999, T. II, p. 2114.

21. GAYO, 1938, T. I, p. 13.
22. BARROCA, *op. cit.*
23. Apresenta as seguintes dimensões: 3,20m X 2,10m.
24. NÚÑEZ MARTÍNEZ, 2004, p. 1.
25. BROGIOLO, 2002, pp. 19-26.
26. RAMALHO, 2001, pp. 25-80.
27. HARRIS, 1991, pp. 51-64.
28. AGUIAR, 2006, p. 56.
29. BRANCO, 2003, p. 89.
30. ESPANCA, *op. cit.*, p. 289.

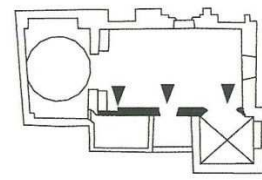
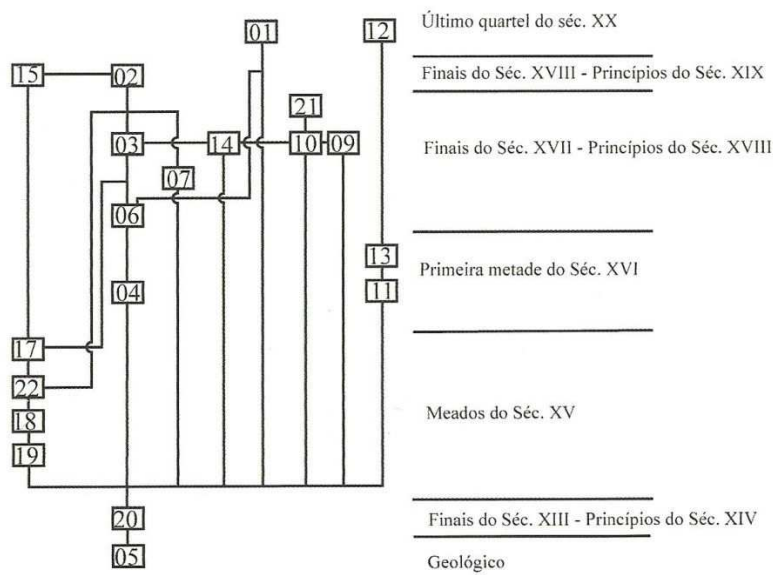
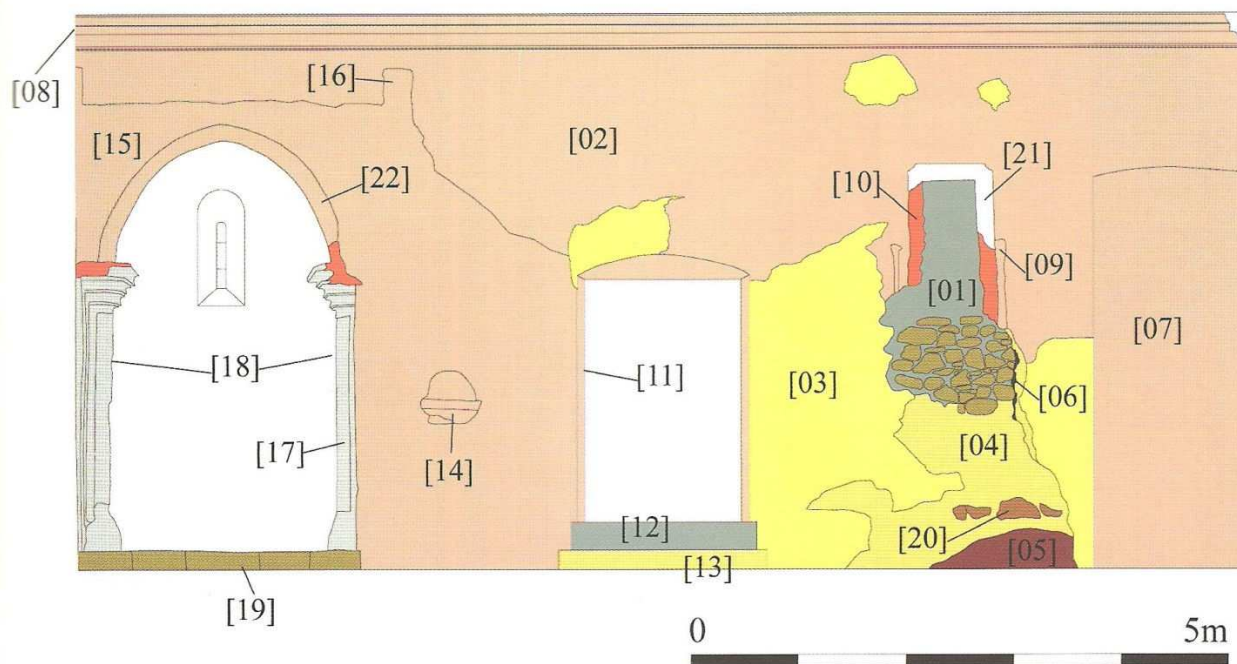
ANEXOS



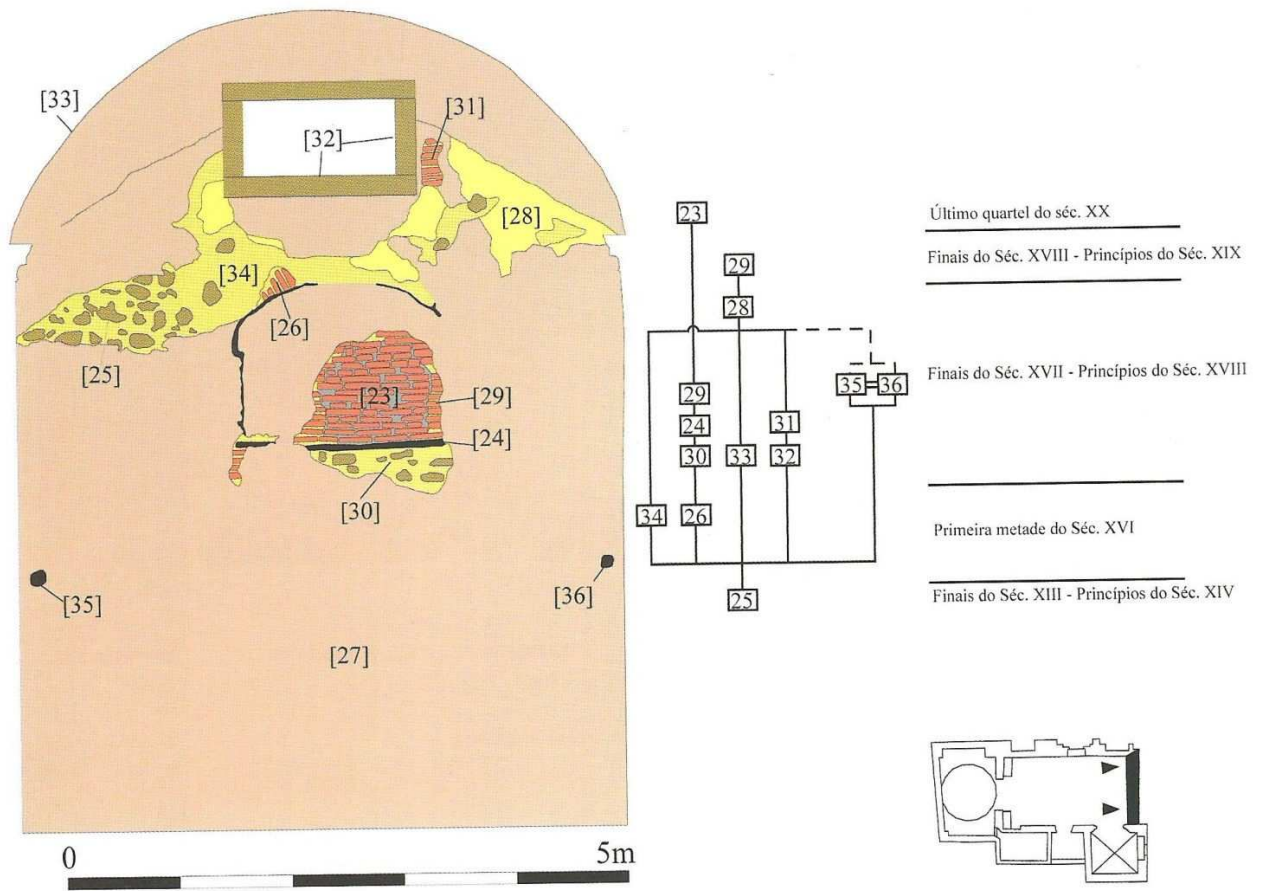
I – Planta do Paço dos Alcaides e Igreja de S. João Baptista.



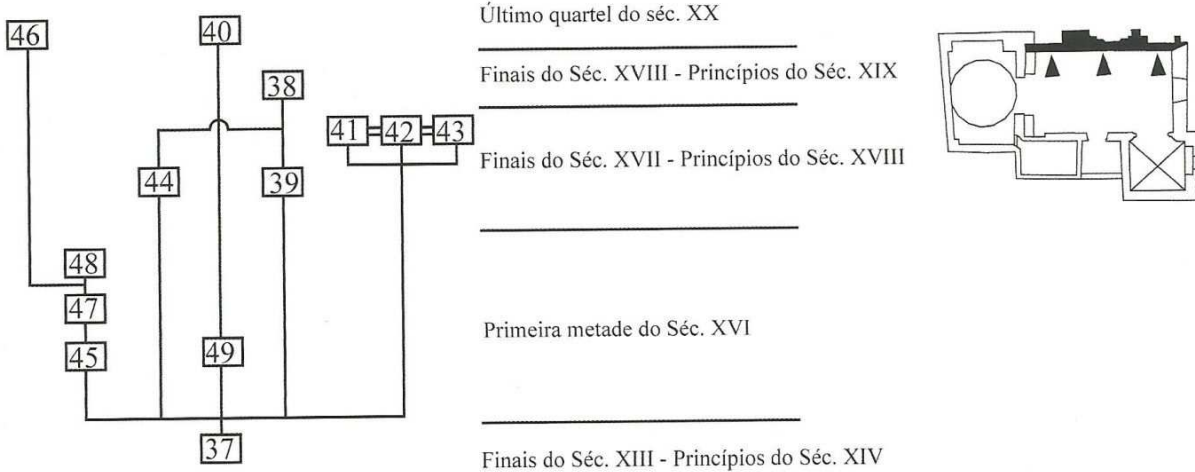
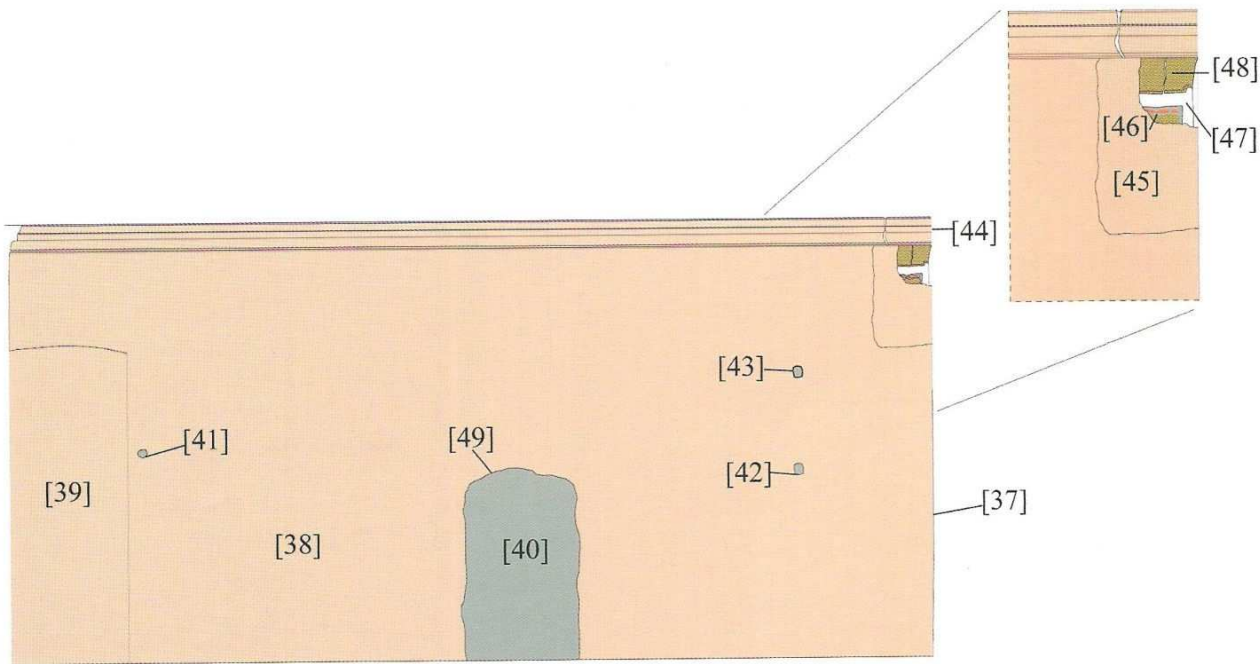
II – Igreja de S. João Baptista – Vista Axonométrica.



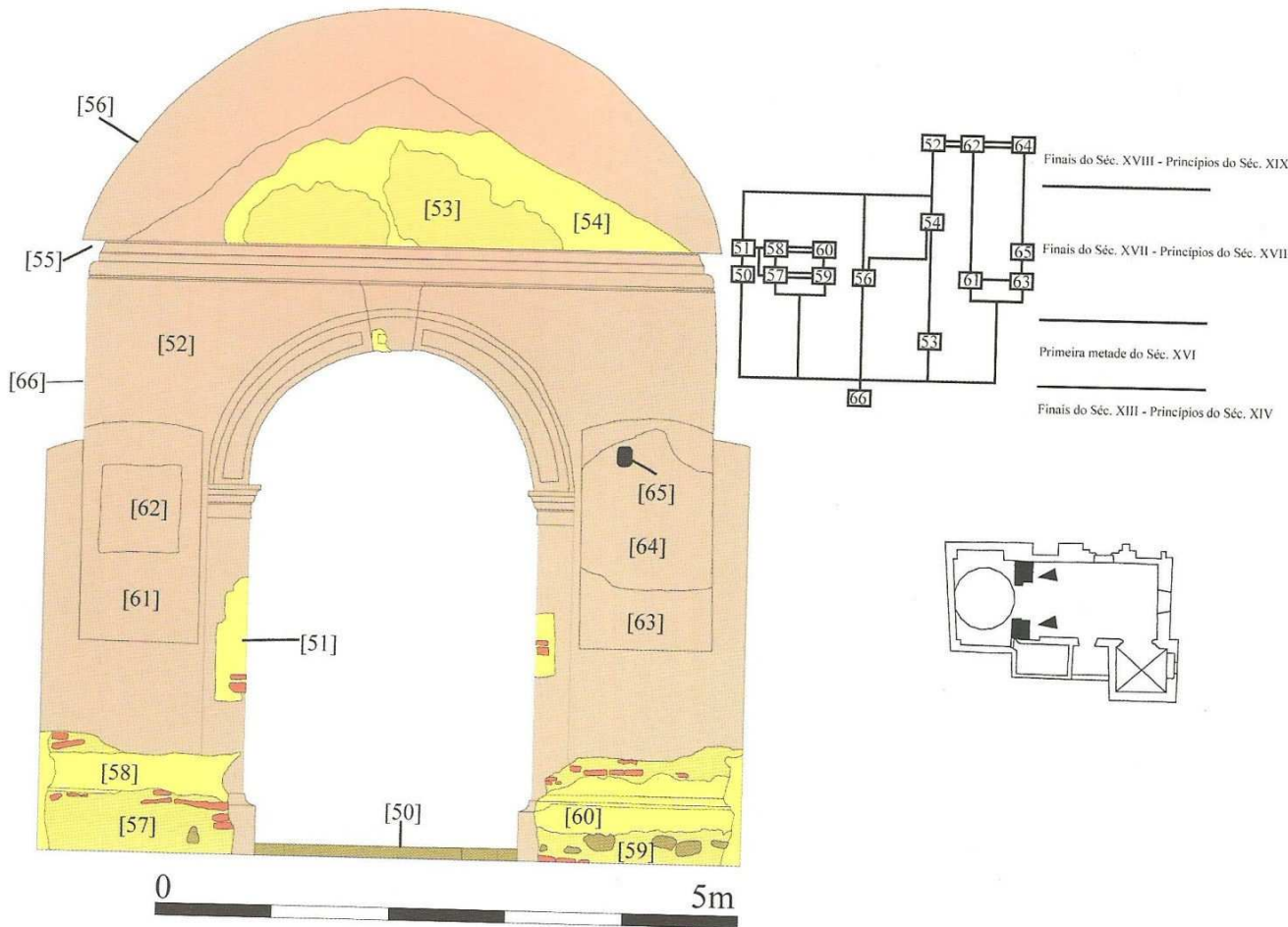
III – Nave. Registo estratigráfico do alçado interno Noroeste.



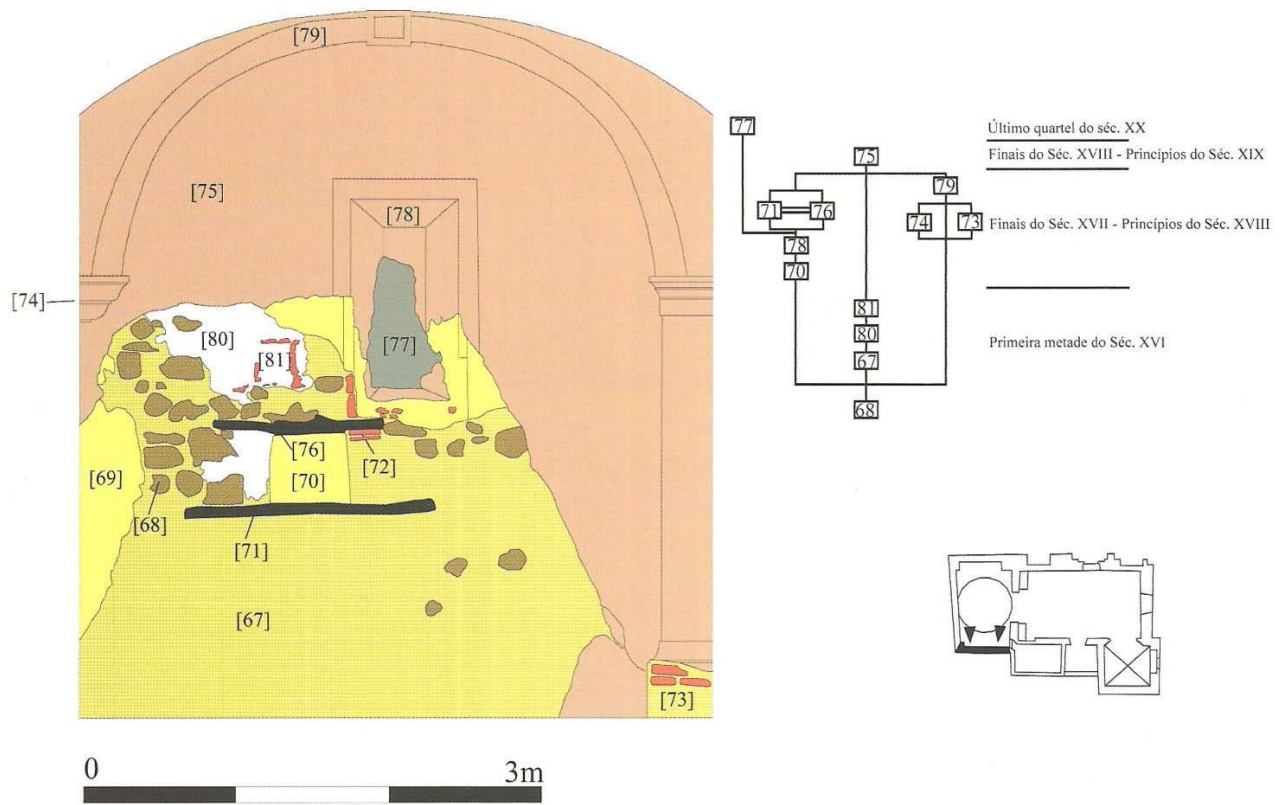
IV – Nave. Registo estratigráfico do alçado interno Sudoeste.



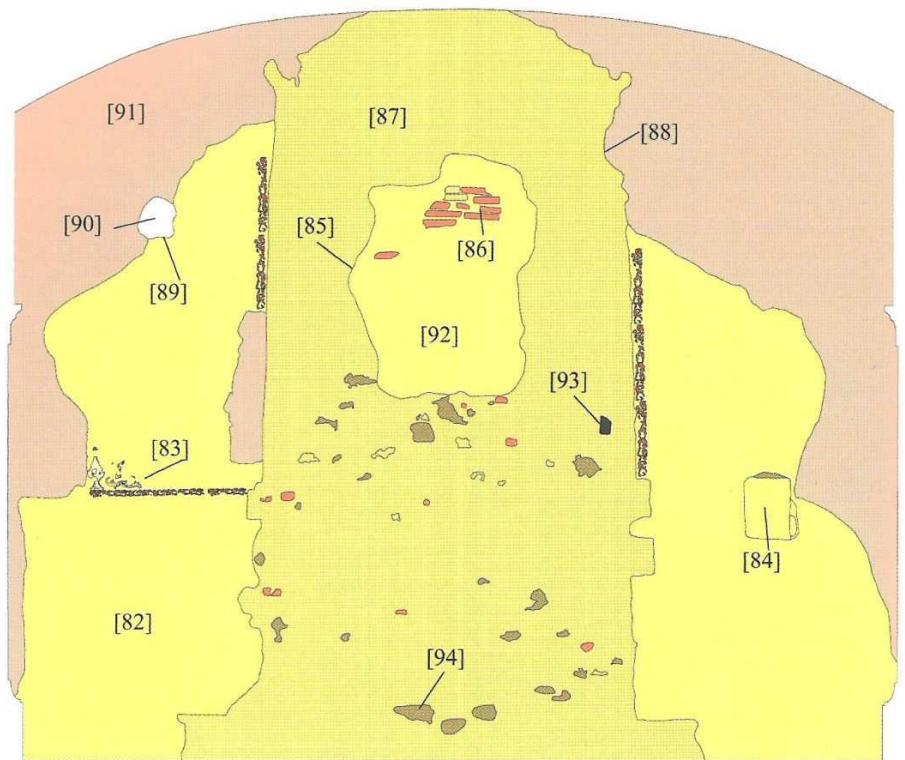
V – Nave. Registo estratigráfico do alçado interno Sudeste.



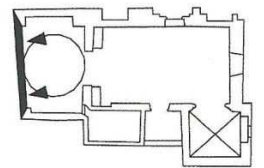
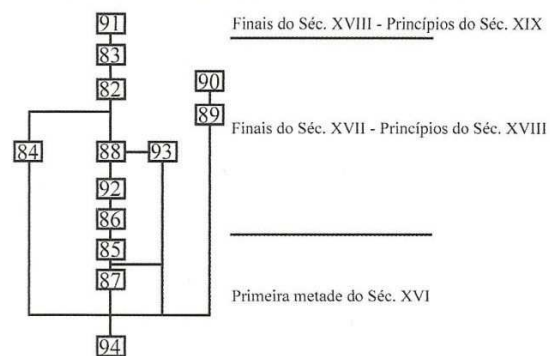
VI – Nave. Registo estratigráfico do alçado interno Nordeste.



VII – Capela-Mor. Registo estratigráfico do alçado interno Noroeste.



0 5m



VIII – Nave. Registo estratigráfico do alçado interno Nordeste.